

CARTA A GIUSEPPE GARIBALDI

Data: 31 de janeiro de 1862

Tradução: Clarice Macieira e Nathália de Ávila (Redemoinho Traduções)

Londres, 31 de janeiro de 1862
Rua Alfred, 14. Praça Bedford

General

Mazzini e Herten recomendam meu irmão. Permita-me aproveitar esta ocasião para me autorrecomendar. Meu nome, talvez, não lhe seja de todo desconhecido. Fiz meu melhor pela causa dos povos em 1848 e 49, tentando conciliar tanto quanto possível as tendências divergentes dos eslavos e dos húngaros com aquelas da democracia alemã. Aparentemente a tarefa que eu me coloquei foi superior às minhas forças. Fracassei como tudo fracassou naqueles memoráveis e nefastos anos. Preso por traição em 1849, depois da debandada de Dresden, passei cerca de dois anos e meio dentro das fortalezas de Königstein, de Praga e de Olmütz, julgado e condenado à morte duas vezes, mas não executado, porque o rei falecido da Saxônia, que era um bom e forte homem, inimigo do sangue, opunha-se decididamente a isso – fui transportado em 1851 para a Rússia, e lá fiquei ainda seis anos em uma fortaleza, depois quatro anos na Sibéria, onde terminei por me casar com uma jovem dama polonesa. – Lá, vivi bastante contente e tranquilo, esperando que fosse do agrado do governo de São Petersburgo conceder-me a liberdade, quando um ruído de seus nobres e patrióticos feitos vieram perturbar minha aparente quietude, reanimando em mim todas as pai-

xões de minha juventude. – Além disso, não fui o único a ficar comovido. Se você tivesse podido ver, assim como eu, o entusiasmo passional de toda a cidade de Irkoutsk, capital da Sibéria Oriental, com as notícias de sua expedição à Sicília e sua marcha triunfal pelas posses do falecido rei de Nápoles, o senhor teria dito como eu que não há mais espaço nem fronteiras. Esperávamos ansiosamente pelo dia dos correios – as correspondências chegavam apenas duas vezes por semana – estremecemos de impaciência e cólera contra seus inimigos, tanto interiores quanto franceses.. Enfim, senhor, posso dizer sem exageros, toda a Rússia está contigo, ela saudou com felicidade a admirável ressurreição de sua bela pátria. O governo russo, que não sabe fazer nada além de bobagens, protesta contra o senhor, sim, – mas a nação russa, por sua vez, protesta bem alto hoje contra esse governo imbecil que, por fora e por dentro, é atingido por essa cegueira que Deus, dizem por aí, só envia a quem quer perder. Não pararemos por aí, e esses protestos são sem dúvida o começo de uma nova vida para nós. De fato, a Rússia está irreconhecível. Parece que nos encontramos às vésperas de uma revolução. No mundo oficial, há um desastre completo. Os empregados do governo, desde os cargos mais altos até os menores, que pareciam impassíveis, imutáveis, tão seguros de si no reinado anterior, não têm mais fé em si mesmos, nem no poder imperial. Por todo lado há caos, contradição, anarquia, em uma palavra, todos os sinais precursores de uma

completa dissolução, e o povo por todo canto começa a se agitar. O povo sabe o que quer: a liberdade e a terra. Mas uma liberdade vasta, infinita, como pode apenas sonhar uma nação potente, submissa durante séculos à mais terrível escravidão; e a terra, toda a terra russa como propriedade comum da nação. O governo assustado inventa compromissos, mas não há compromisso possível em nenhum ponto entre sua estreiteza obrigatória e os desejos de seu povo cansado da escravidão. A revolução pode demorar alguns anos, de acordo com as circunstâncias, mas ela é iminente, e não tardará muito se o impulso vier de fora.

A revolução na Rússia é o desmembramento do Império Russo, e em seu lugar, eu espero, se fará uma federação de todos os povos eslavos, livres e independentes. – Nós fazemos todo nosso possível para ligar fortemente nossa causa à causa polonesa. É para nós, de uma só vez, uma necessidade, uma vontade e um ato de justiça. Reconhecemos enormemente o direito da Polônia a uma completa independência, sem questionamento e sem condição, bem como o direito de qualquer província, hoje fazendo parte do Império Russo, de se separar de nós para se unir à nação polonesa, é claro que, se todo o povo, e não somente a nobreza, quiser. Oferecemos aos poloneses todos os recursos possíveis de nossa sinceridade, e podemos lhes provar hoje o direito que temos de falar com eles em nome da nação russa. Infelizmente, nossos esforços não são sempre bem-sucedidos. Não podemos nos chatear muito com eles. Temos muitos crimes a serem perdoados. Ainda que sejamos, individualmente falando, inocentes, somos solidários aos olhos deles e também aos nossos, por todos os horríveis danos causados a eles durante um século pelo governo, pelo exército e pelos funcionários russos. Somente eles não querem compreender que é precisamente esse mesmo sentimento de solidariedade que nos faz suportar pacientemente suas ofensivas desconfianças, que nos dá a força de retornar sempre a eles com as mesmas proposições de paz e de ação comum. Não nos desesperemos: a persistência e a fé terminarão por tudo vencer.

E agora, senhor, eu quero, eu devo agir. Escrevi nesse momento a um endereço dos meus amigos eslavos, poloneses e russos em que tento expor minhas ideias sobre o futuro eslavo. Mas isso não pode e não deve ser nada além de uma introdução obrigatória à minha nova existência. Depois de ter escrito, eu quero agir. Tento me orientar tanto quanto possível, mas em Londres o movimento eslavo é bastante desconhecido, e se você tiver confiança em mim, creio que tem o direito de me responder francamente a uma só pergunta, você me renderá, General, um enorme serviço:

Se estou certo sobre isso, estaria nesse caso provavelmente próximo a você, para lhe suplicar a aceitação de meus serviços. Mas se o rumor é falso, será necessário que eu fique em Londres para me concentrar e criar os filhos de uma grande agitação eslava.

E agora, antes de terminar esta carta, gostaria de poder exprimir todos os sentimentos de respeito e simpatia religiosa que seu grande nome me inspira. A tarefa está além das minhas forças, então renuncio a ela neste momento. Mas ficaria feliz caso uma ocasião oportuna me permitisse lhe provar, não com palavras, mas com ações, toda a profundidade de minha devoção.

M. Bakunin

Herzen se fez de preguiçoso. Ele não lhe escreveu, mas encarrega meu irmão de expressar sua amizade. Meu irmão possui toda minha confiança, eu respondo por ele como por mim mesmo. Ele fornecerá também meu endereço.